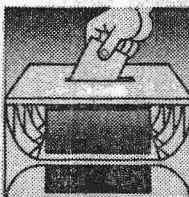


Brizola fala pouco em seu último comício

A desorientação marcou a campanha do PDT nos últimos dias, com seguidas alterações de agenda, caravanas interrompidas e comícios que começaram fora da hora marcada. Desde a manhã de sábado e até o debate do SBT, na noite de domingo, Brizola



não teve outra preocupação na cabeça além de disparar farpas contra a candidatura Lula, seu concorrente direto na luta por uma vaga no segundo turno. No comício de Nova Iguaçu, que deveria ser uma festa colossal, viu-se um estranho Brizola: ele falou apenas 20 minutos

RICARDO OSMAN

Ja era quase meia-noite quando o ex-deputado Aírton Soares, coordenador no Estado da campanha de Leonel Brizola, candidato do PDT, se aproximou do cantor e compositor Gilberto Gil, que acabava de subir no palanque montado na praça principal de São Miguel Paulista, periferia da Capital, em busca de salvação: "Canta, apresenta o vice Fernando Lyra. Ele está aí e talvez o Brizola não venha". Poucas pessoas resistiam em pé sob a chuva contínua — e ninguém sabia do paradeiro de Leonel Brizola. Nem mesmo Lyra.

A cena ocorrida no sábado, a três dias da primeira eleição presidencial em 29 anos, dava uma medida da desorientação que tomou conta da campanha do líder do PDT. Como que tocado pelo pavor de não participar do segundo turno das eleições, barrado na faixa dedicada ao eleitorado de esquerda pelo concorrente do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, Brizola desde sexta-feira alterou seguidamente a agenda, interrompeu caravanas pelo meio, chegou em comícios fora da hora marcada correndo de um lado para outro do País, com um olho no relógio e outro no ex-metalúrgico do ABC.

Leonel Brizola, desembarcaria na pequena praça pouco depois do tenso recado transmitido por Soares a Gilberto Gil. Mesmo com um atraso de quatro horas na sua programação, o candidato pedetista não perdeu tempo em atacar o fantasma que mais o assusta na contagem regressiva das eleições. "Alguns candidatos, se quisessem ser fiéis ao povo brasileiro, deveriam renunciar", disparou Leonel Brizola em direção ao Partido dos Trabalhadores.

Desde a manhã de sábado, Brizola não tinha outra preocupação na cabeça. Ficou em casa trancado, preparando-se para atacar Lula em todas as oportunidades que tivesse até a última hora da campanha, em comícios ou no debate marcado pelo SBT para o domingo. Revirou papéis, conversou com assessores e perdeu a primeira chance: quando chegou atrasado à praça de São Miguel Paulista, para dar seu recado em um estado em que amarga anêmicos índices de popularidade, restavam diante dele, em uma área de 50 metros, apenas um punhado de militantes do PDT do Rio de Janeiro, transportados de ônibus para São Paulo, e casais de jovens que freqüentavam o local atraídos pelo tradicional forró de sábado à noite.

"Tudo que vem do céu é abençoado", tentou amenizar o

candidato do PDT, castigado por uma chuva que não parava. Enquanto corria para o carro que o levaria de volta ao aeroporto de Congonhas, um dos seus antigos colaboradores no governo do Rio, o ex-secretário de Saúde Eduardo Costa, confessava: "Nunca enfrentamos eleição tão dura". Já o vice Fernando Lyra, abrigado entre caixas de som sob o assoalho de ferro do palanque, pedia para que não lhe revelassem os números das últimas pesquisas: "Prefiro o suspense".

No dia anterior, em Porto Alegre, Leonel Brizola mostrou estar com muita pressa na reta final da campanha. "Vamos tocar pra frente", ordenava ao motorista do caminhão que o conduzia pelas ruas da cidade durante a carreta do partido, debaixo de sol forte e aplausos. Irritado com o ritmo lento da caravana que serpenteava por um dos seus poucos redutos eleitorais, Brizola não agüentou mais do que três horas de cortejo.

Depois de resmungar com o deputado estadual Carlos Araújo, olhou mais uma vez o relógio e rapidamente desceu do caminhão. Apressado, entrou em um Monza cinza e desapareceu. Não seria mais visto em Porto Alegre. O carro só parou ao lado do jatinho, na pista do aeroporto

Salgado Filho, — e surpreendeu até mesmo a sua mulher, Neusa Goulart, cercada de amigas, ela o esperava na sala de embarque. "O governador já está no avião", ouviu Neusa de um assessor do candidato escalado para buscá-la. Não deu tempo sequer para as despedidas.

O relógio seguiu atormentando Brizola na programação de domingo, no Rio. Depois de um ano de viagens por todos os Estados, intermináveis reuniões com assessores no seu apartamento na Avenida Atlântica, em Copacabana, e 150 horas de palanque, o candidato do PDT queria encerrar com fecho de ouro a sua campanha. Mas não encontrou a chave certa.

Brizola começou o último dia de campanha com um passeio de carro por municípios da Baixada Fluminense, onde, durante o governo no Rio, deixou cravados alguns Centros Integrados de Ensino Público (CIEPs), a principal — e única — peça de sua artilharia eleitoral. Foi recebido com entusiasmo, o que não evitou um novo pedido para pisarem fundo no acelerador. Só parou para a rápida inauguração de um CIEP em Nova Iguaçu, sempre escoltado pelo prefeito local, o pedetista Aluisio Gama, e chegou para o comício na Praça Santos Dumont, a principal da cidade,

pouco depois do horário previsto. O que era para ser apoteótico foi frustrante. Nova Iguaçu é a capital da nação brizolista da Baixada, mas a greve dos ferroviários e a hora do comício, 15h30, deixaram muita gente em casa.

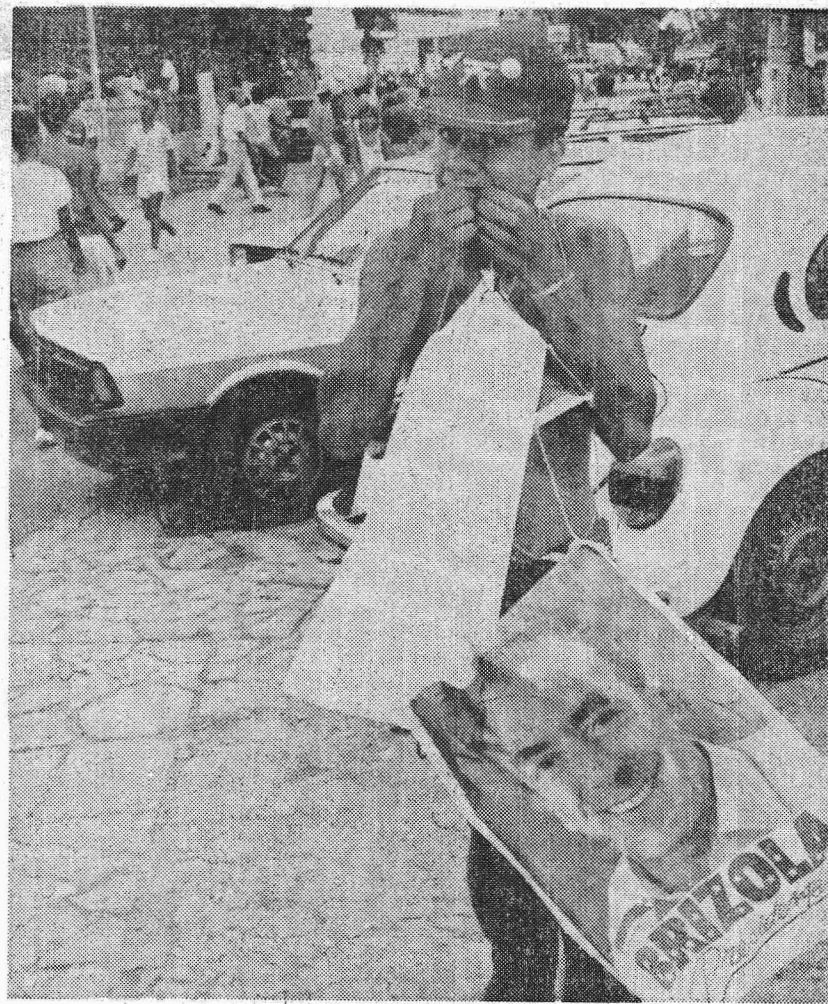
E as pessoas que se espalhavam por dois terços da área conviveram com o seu candidato por apenas 20 minutos.

A intenção de Brizola era chegar cedo no prédio do SBT, em São Paulo, para participar do último debate do primeiro turno — sua derradeira oportunidade de tentar exorcizar o fantasma de Luiz Inácio Lula da Silva. Preparou-se cuidadosamente para fustigar o candidato metalúrgico com a denúncia de que o vice, senador José Paulo Bisol, comprou sua fazenda com o favorecimento do Banco do Brasil, numa operação de crédito que, para Brizola, repousa sob um manto de suspeições.

Durante o voo para Congonhas, ele repassou as anotações recheadas de farpas contra Lula. Entra elas, a de que o Banco do Brasil liberou o empréstimo a Bisol quando era presidido por Camilo Calazans, vice na chapa de Ronaldo Caiado, do PSD. Quem assistiu ao debate pôde constatar que Leonel Brizola, autoproclamado herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas, elegeu como principal adversário aquele que emergiu do sindicalismo do ABC.

A candidatura petista voltou a assombrar Leonel Brizola na segunda-feira: "A pretensão dele é uma piada, Lula não tem experiência. Só espero que essa disputa não tenha consequência no segundo turno", reforçou num fôlego só. "Estamos muito desconfiados em relação ao PT e ao próprio Lula", completou, antes de defender novamente a renúncia dos candidatos da "área popular e democrática" em seu favor, "para evitar a ocorrência de fraudes".

Mais magro do que quando se lançou candidato, em junho, e abatido, Leonel Brizola reúne forças para um último esforço de campanha: hoje estará em Volta Redonda, Petrópolis e na zona Oeste do Rio. Em sua análise, está em jogo algo mais do que a Presidência da República. Deputado federal do PTB cassado em 64, exilado durante 15 anos, Brizola corre atrás da História. "Essa eleição precisa resgatar os princípios do trabalhismo de Vargas", considera. "As águas do rio descem para o mar. Como podem as águas do rio subirem para a nascente?", costumava brincar nos tempos em que considerava a vitória garantida. A partir de amanhã, Leonel Brizola saberá se as leis da natureza podem ser aplicadas também para as eleições.



Brizola: um olho no relógio e outro no PT

Personagens do último comício: frustração